

DEPOIS DA CARTA, O HYMNO



O visconde de Chancelleiros, não podendo evitar a reforma da carta, vae propôr ao governo que se reforme tambem o hymno da dita carta, para o que se reunirá brevemente em Lisboa um congresso de todos os maestros e maestrinos nacionaes, com a presidencia de- mano d'elle proponente, na sua qualidade de primeiro cega-rega d'estes reinos.

ANNO VI

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12



A SEMANA



As modas, na sociedade, assim como ás quantidades, na arithmetica, succede o mesmo ao passarem pelo infinito: mudam logo de signal.

Foi por isso que as viagens em balão, que ha cerca de um trimestre occupavam as atenções publicas, quasi disputando primasias á pessoa do sr. Fontes, tão moda se tornaram afinal que, ao passar pelo infinito, deixaram de ser moda.

—Que, tratando-se de viagens aereas, até parece impossivel como não passaram pelo infinito logo á primeira exhibição...

O certo, porem, é que o publico já encara esse genero de passeiatas como a cousa mais simples d'este mundo — para quem as realisa, bem entendido — e que o sr. Abreu Ol'iveira já entra na barquinha do balão com o bocejo de indiferença que escancara a bocca d'um amanuense ao transpor o guarda-vento da respectiva secretaria. Aquillo tomou o habito caracteristico de pura vida regular e burocratica e para o accentuar definitivamente falta apenas que o governo resolva, como nos parece de justiça, arbitrar as respectivas mensalidades aos assíduos funcionarios.

Demais, seria d'uma conveniencia a toda prova o estabelecimento d'uma secretaria aerea, com o duplo encargo de estudar de perto o movimento da corte celeste e de afastar para longe as atenções publicas que porventura podessem convergir sobre o movimento da corte terrestre. Teriamos ao menos uma repartição do estado em que não era facil aos empregados abandonar o serviço de dez em dez minutos para irem tomar um capilé á *Lage* do Terreiro do Paço...

O senhor ministro dos negocios aereos que medite no assumpto, porque talvez esteja n'elle a collocação e o futuro de todos os Bazorrinhos em disponibilidade.

A inauguração do elevador da Calçada do Lavra foi o acontecimento mais palpitante da semana. O indigena sempre sequioso de novidades, quer estas se apresentem sob a fôrma d'um melhoramento material, quer se mostrem sob o aspecto d'um aborto da natureza; o indigena que é tão capaz de concorrer em massa para celebrar um trabalho gigante de Fernando de Lesseps, como de encher uma barraca da feira para ver de perto a segunda edição de Priappo, como de esmagar-se na galeria do parlamento para examinar á vontade a marreca physica e a marreca moral do sr. ministro da justiça; o indigena curioso tem corrido sollicito, enchendo o Largo da Annunciada e suas immediações, contemplação ingenua do soberbo elevador, cujos trens sobem e descem, ora um ora outro, com a mesma regularidade mathematica e monotona com que os partidos monarchicos costumam trabalhar nos rails do poder. Com a differença de que o elevador mechanico nos leva ao Campo de Sant'Anna, poupando-nos o cabedal das botas, ao passo que o elevador politico o mais que pôde é levar-nos ao Campo de Pantana, depois de nos ter arruinado todos os cabedaes.

Já tivemos occasião de ver de perto os artistas que compõem os dois grupos theatraes que actualmente funcionam no Coliseu dos Recreios; mas, como precisamente o mesmo terá succedido a toda Lisboa que não falta uma noite a applaudil-os, abtemo-nos de os descrever na totalidade. Na especialidade, porém, não podemos deixar de referir-nos áquelle tenor alto do *Songe d'une nuit d'été*, isto unicamente para pedirmos á empreza que o não deixe entrar em scena sem os ante-braços, como até hoje tem succedido.

Com aquelle aspecto, zoologicamente considerado, parece pertencer á familia dos saltadores; — considerado artisticamente pertence sem questão á familia dos massadores... Ao vê-lo, accode-nos á lembrança o maneta da Ribeira Nova, ou então algum d'aquelles peixinhos chinezes que estão á venda na rua do Oiro e que são dotados de tal voracidade que se devoram mutuamente as mãosinhas logo que a refeição quotidiana se faça esperar alguns minutos.

Se a empreza não tiver força para lhe tirar aquelle feitio, chame em seu auxilio a elegante *Fada Azul* da *Gata Branca*, a cuja varinha magica, costumada todas as noites a transformar aquella gata n'uma formosa mulher, será decerto facil metamorphosear aquelle peixe chinez n'uma pessoa apresentavel.

Ao sr. visconde de Bomfim que, felizmente para a camara, deu ao seu estopante discurso a ultima parte do seu illustre titulo, seguiu-se com a palavra o sr. marquez de Vallada. O nobre fidalgo e dignissimo par, fallando em abono das reformas, foi uberrimo em citações latinas, trazendo até á balha S. Thomaz d'Aquino e Bellarmino, exactamente como o sr. padre Amado quando tratou de pôr em evidencia a sua erudição em coisas de egreja a sua invencivel repulsão pelo bello sexo.

Sempre nos quiz parecer que havia de existir algum ponto de contacto entre o sr. padre Amado, e o sr. marquez de Vallada...

PAN.



Os objectos de loiça recentemente fabricados nas Caldas da Rainha pelo director artistico do *Antonio Maria*, que representam a primeira tentativa n'um dos generos de trabalhos a que ha de dedicar-se a grande fabrica de productos ceramicos que vae construir-se n'aquelle ponto, acham-se expostos no armazem de bijouterias do sr. Guedes á rua Nova do Carmo, figurando entre elles a taça modelada expressamente para ser offerecida como brinde á *Kermesse* da Tapada.

NO PAIZ DO SYNDICATO

Ora imaginem que o Porto esteve a dois dedos do abysmo, mas do verdadeiro abysmo, d'aquelle d'onde não se escapa com a cabeça intacta, nem com a alma sem chamusco. O illustre vereador Araujo que já encontrou para a rhetorica nacional uma phrase rica a passar por baixo d'um abysmo — nunca pôde imaginar que tão realmente proximo estivesse da morte terrivel.



E para que os nossos leitores não façam juizos temerarios sobre o genero de abysmo a que o Porto esteve sujeito, para que não julguem que fosse alguma segunda via para Salamanca, ou algum novo plano de melhoramentos, ou mais um centro progressista em que se combata os chefes progressistas, ou alguma outra Associação Commercial Eleitoral, passo no mesmo instante a declarar que o abysmo em questão foi um hiate. Porque o abysmo ainda não tem a sua physiologia feita. Uma mulher for-



mosa, de grandes olhos negros, de riquissimas tranças loiras, como a actriz Palmyra, é chamada pelos poetas soneteiros — um abysmo. Os jornaes da opposição chamam um abysmo á reforma penal. As donas de casa, referindo-se á carestia dos generos alimenticios, dizem que a feira do Anjo é outro abysmo.

Ora que diabo de relação abysmal pôde haver entre a



cabeça do sr. Lopo Vaz e o preço das batatas, entre o



chapéo do sr. Correia de Barros, que é um abysmo de pélo de seda, e a trança auri-luzente da actriz Palmyra, que é uma floresta de fios d'ovos, cantada por toda a poesia, limitrophe das casas de doçaria? No furor, todo moderno, de se fazer sciencia até sobre cascas d'alhos, nós estamos profundamente admirados de que se tenha desprezado este assumpto grave.

Anthero do Quental foi uma vez pedir a mão de uma gentil conimbricense para um amigo seu que se achava na maior desolação. A mãe da pretendida exclamou: «Mas entre minha filha e o seu amigo, ha um abysmo!»

— Pois eu estou resolvido a preencher esse abysmo, respondeu Anthero, estendendo sobre o espaço que mediava entre elle e a sua interlocutora, o seu monstruoso sapato de couro.



Que afinidade poderá existir entre o aristocratico abysmo que separa, nos centros antigos, as classes sociaes e que a democracia moderna salta com o seu vigoroso sapato de tacão baixo?

Offerecendo este sublime assumpto á Sociedade de Instrucção do Porto, passamos a dizer que o hiate-abysmo dá em lingua desconhecida pelo bombastico nome de *Mizpah* e vinha carregado com 50:000 kilos de dynamite!

50:000 kilos de dynamite! Oh! sonho de nihilista! E o parlamento reunido! E o sr. marquez de Vallada com toda a sua côrte! E o sr. Correia de Barros com todas as suas idéas! E o sr. Lopo com todos os seus Firmiños Lopes! E o sr. Fontes com todas as suas reformas! 50:000 kilos de dynamite!

Mas o Porto, que é o burguez mais pacato d'este mundo, que prohibiu o foguete por ser uma ameaça á propriedade, que para não gastar phosphoro até resolveu não gastar idéas, esse é que passou vinte e quatro horas sobre brazas, enquanto o *Mizpah* não levantou ferro e foi levar para outras paragens esse colera morbus, que só tem Lazareto na Trafaria.

Este incidente transtornou muita digestão facil e muito jornalista circumpecto. Houve estomago conservador, que tem ingerido sem repugnancia o palavriado da imprensa que defende a reforma penal, mas que não soceguou enquanto o *Mizpah* esteve dentro do Cabedello.

O *Commercio do Porto* manifestou o seu terror n'uma extraordinaria controversia entre o sr. visconde de Mozer e o sr. Henrique Kendall e para cumulo de agonia fallou outra vez na «officina de S. José» e no doce padre Sebastião, seu amigo, d'elle. Não contente com estes symptomas de panico, no dia em que *Mizpah* rangia os dentes na enseada de S. Paio, o localista d'aquella folha, n'um estylo que fazia honra ao Assis, de Faro, disse que o abbade de Victoria dirigiu aos presos um primoroso mercurial, com aquella illustração que tanto o distingue. Imagine-se que o diabo do *Mizpah* se demora mais alguns dias nas aguas barrentas do Douro, e veja-se onde poderia chegar o Porto, á beira de tal abysmo, e os padres e abbades do *Commercio* com todos os mercuriaes, arrançados nos melhores porrões das suas pharmacias.

JOÃO BRÔA.

O ANTONIO MARIA

O POLICHINELLO

(Salta por cima de tudo)



Saiu-nos tão bonito que não resistimos ao desejo de o offertar ás creches para entretenimento das creanças.
Os olhos são de santo, mas a marreca é do diabo.

SEMANA PARLAMENTAR



Similia similibus curantur — é preceito homeopathico e parlamentar. Contra o Arouca só o José Dias!

Os strabicos parecem-se com os polos magneticos — sendo eguaes repellem-se.

Arouca é governamental, José Dias é governamental, e por isso, encontrando-se, discordam. A razão? São strabicos... no fóro, na politica e nos olhos.

A sciencia já descobrira, ha muito, este principio de repulsão, e proclamou conceituosamente — *duro com duro*...

Arouca nunca olhou direito para José Dias, e José Dias sempre lhe pagou na mesma moeda. Imagine-se o que devia forçosamente resultar d'este encontro de dous tortos formados em direito? A convicção de que o novo codigo penal põe em evidencia as deformidades dos legisladores e não corrige os aleijões sociaes.

O fructo de tantas incorrecções só podia revelar-se um aborto — e assim foi: o projecto nasceu sem pés nem cabeça.

O José Dias, que até resistio ao Mascaró que tentou endireital-o, bem sabia que para corrigir o relator, e o ministro, e o projecto era indispensavel endireitar-se com elles.

Toda a gente tem dito que o mal da situação e da lei das rolhas procedia do correcional. Eis um erro. O mal procede do — incorrecional. O que o ministro tem sobre o dorso, o que o relator tem sobre os olhos, o que o projecto tem sobre os capitulos — não é carcunda, nem strabismo, nem repressão — são uns animalculos que pou-sam nos homens e nos codigos, que produzem umas impigens de mau character, que comem como frieiras, e destroem o couro e o cabello — e chama-se vulgarmente — *juizes singulares*.

Qualquer droga insecticida podia extinguir esta lepra; e o José Dias, que não é sganarello no tratamento dos politicos e dos codigos penaes, applicou-lhes cataplasma de critica mordaz, que fez avermelhar os animalculos, mas não os deixou alastrar.



Diz a sciencia dos povos que *quem boa cama fizer n'ella se deitará*. Ora isto é linguagem figurada, que tanto póde referir-se a camas, quanto a rolhas.

Os *firminos* queriam rolar a imprensa com o projecto do ministro, e vae o ministro rolar os *firminos*!... Elles eram tres como na *Grã Duqueza*, mas ao contrario dos da *Grã Duqueza* não poderam cantar.



A maioria votou a generalidade, com prejuizo dos inscriptos, e os inscriptos eram os singulares juizes singulares.

Fazia pena vel-os de rolha na bocca! E, porque roiam n'ella com tanta força, chegámos até a desconfiar que não era n'uma rolha que estavam roendo...

O ministro da justiça metteu-se com o jury — no relatorio, no projecto de reforma e no discurso! — Receioso de não ser julgado por elle, e não podendo engulir o relatorio, resolveu-se a fazer modificações no projecto e a votar moções que exaltam o jury.



Ahi temos, pois, o ministro rolhado, por causa da lei das rolhas.

E a rolha tinha tal feitio e tal resistencia que até nem parecia que era rolha o que o ministro tinha na boca!

Aos discursos do relator da lei das rolhas responderam um dia as galerias com vozes de indignação e de protesto, e o presidente da camara reprehendeu-as com severidade e com o regimento.

As galerias agora continuam a protestar contra o relator e contra o ministro, mas á moda do Camara — *sahindo*... E o presidente, apesar do regimento, tem que assistir ao protesto da evacuação sem ter a quem reprehenda.

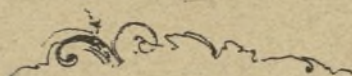
E eis como o sr. Bivar, que dirige o debate apaixonado sobre a lei das rolhas, se acha tambem, a seu turno, a moer com os dentes uma cousa tão dura e tão perfurante que nem parece rolha!

O que é o mundo?! Enquanto taes cousas succedem na camara dos deputados, na camara alta falla pelos cotovellos o nobre marquez de Vallada!

Para este então, nem ao menos o governo arranjou uma rolha molle!

Pois s. ex.^a presta relevantes serviços ao governo, e estou convencido de que, imitando o sacrificio heroico de outro varão illustre, se tivesse algum em bom estado, era até muito capaz de dar o *Caetano*.

JUSTUS,



A COMPANHIA DE OPERA COMICA DO COLISEU



Seveste

Muito boa voz e muito boas carnes.



Baudin

Braço muito curtos e intelligencia mais curta ainda.



Du-Wast

Notas muito agudas e declamação muito grave.



Poitevin

Grande voz e grandes suissas.



O CAETANO

UM MENDIGO :

— Senhor do collete branco,
Que ides tão *chic* e peralta,
Notae, senhor, como falta
A vista dos olhos meus!...
Tende dó d'este céguinho,
O' meu rico bemfeitor;
Dae-me um *Caetano*, senhor,
P'lo divino amor de Deus!



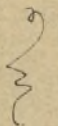
UM FUMISTA :

— Como heide eu, não tendo phosphoros,
Tomar a minha fumaça,
Se pedir lume a quem passa
É costume ultramontano?
Vou adoptar nova formula
Que em bem pouco se resume:
Em vez de — empresta-me o lume,
— Empresta-me o seu *Caetano*?



UM MINISTRO :

— Foi a maior das desgraças,
Foi uma coisa da breca
Descobrirem-me a marreca
Com que o demo me enfeitou...
Vou fazer que os não entendo
Pr'a não dar parte de fraco;
Finjo não dar cavaco,
Mas o *Caetano* é que dou...



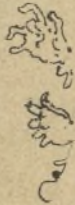
UM JUIZ :

— Se a lei das rolhas não passa,
Se o Lopo esbarra e tropeça,
Se a cam'ra nos prega peça
Porque a corcunda a enguiça,
Se eu não ferrar a dentuça
Na imprensa que nos acossa,
Dou trez *Caetanos* de troça
P'ra o ministro da justiça.



UM MARQUEZ :

— O Filippe de Carvalho
Chora tanto — que faz dó
Por dar um *Caetano* — um só,
Reparem que patetice!... —
Quem me dera então a mim,
Em grandes, medios, pequenos,
Ter mil *Caetanos* ao menos
P'ra os dar a quem m'os pedisse.



GABRIEL CLAUDIO :

— A *Kermesse* da Tapada
stá linda como um palmito:
Deu-lhe o nariz o Pequito,
Deu-lhe o queixo o Luciano,
O Cócó deu-lhe o bandulho,
O Fontes deu-lhe o bigode...
Cada um dá o que póde
— E eu vou dar-lhe o meu *Caetano*...



PAN.



UM BRINDE PARA A KERMESSE



Sabina a pensar se exalta
P'ra dar um brinde á Kermesse;
Porém, tudo lhe faz falta
E bom de mais lhe parece...



— O arrasado candeeiro
Que nem pôde pôr-se em pé,
A fronha do travesseiro
Toda bordada a crochet.



— Podia dar-lhe, (reflecte)
A negra cuia postiça
Com que eu enfeito o topete
Em dias que vou á missa...



— O meu roupão da manhã,
Aquelle esvelto roupão
Com que eu fiz figura... han!... han!...
Em tempos que já lá vão...



— Das compras o velho cesto,
Que não tem aza d'um lado,
Aquelle bilha sem texto,
O papagaio empalhado...



— Mas prefiro dar-lhe o Soisa,
O meu marido, uma empada;
Por ser a unica coisa
Que não me serve p'ra nada...

J. M. CAETANO

PAN